

TRANSCRIÇÃO - Papo em Pauta

Ep. 4 | Temp. 1.

“Acessibilidade e inclusão dos surdos nas escolas” (Dinalva Andrade)

VINHETA - PAPO EM PAUTA

(0:08) Maria Eduarda Abreu (narração complementar): Você está ouvindo o projeto Papo em Pauta, ciclo de conversas sobre cultura, cidadania e bem-estar. Uma parceria entre o Espaço do Conhecimento UFMG, o Instituto Unimed-BH e a Cemig.

(0:19) Maria Eduarda Abreu (narração complementar): No episódio de hoje: Acessibilidade e inclusão dos surdos nas escolas.

(0:24) Ana Gonçalves (apresentadora): Olá! Eu sou a Ana Gonçalves, graduanda em relações públicas e assistente de comunicação do Espaço do Conhecimento UFMG.

(0:32) Fernando Silva (apresentador): Eu sou o Fernando Silva, relações públicas e assessor de comunicação do Espaço do Conhecimento. Você está ouvindo um programa complementar no feed do Pílulas. Um projeto especial, com convidados, que encerra, hoje, a sua primeira temporada. Os outros três episódios já lançados também estão disponíveis e podem ser ouvidos a qualquer momento! [Acesse e descubra](#) mais sobre Ódios Contemporâneos, Turismo Literário e Perspectivas de estudos universitários em outro país.

(0:54) Ana Gonçalves (apresentadora): Um pequeno aviso! Todas as conversas desta temporada já possuem sua respectiva transcrição. Para consultar, basta clicar no link disponível na descrição do episódio.

(1:05) Ana Gonçalves (apresentadora): O meio escolar se mostra como uma importante instância de aprendizado, socialização e interação com a alteridade. No entanto, quando barreiras atitudinais colocam em risco o caráter construtivo da experiência escolar, estes espaços podem contribuir diretamente para a perpetuação da exclusão social de pessoas com deficiência.

(1:25) Fernando Silva (apresentador): Para falar sobre possibilidades plurais de acesso à educação de qualidade, o Papo em Pauta de hoje dá as boas vindas à Dinalva Andrade, atriz e intérprete de Libras.

(1:34) Dinalva Andrade (convidada): Eu sou uma mulher branca, de 1,70m. Tenho os cabelos cacheados, abaixo dos ombros. Estou vestindo uma blusa preta, com o símbolo de acessibilidade em Libras, e uma calça preta. Eu sou graduada em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais e fiz alguns cursos de especialização na área de Acessibilidade e Inclusão, Tradução e Interpretação de Libras, Educação Especial Inclusiva, Ensino à Distância e tenho mestrado em Linguística pela UFMG. Agora eu estou cursando doutorado em Estudos de Linguagens, no Cefet [MG].

(2:21) Ana Gonçalves (apresentadora): A Língua Brasileira de Sinais fez com que Dinalva se encantasse por uma nova maneira de se comunicar com o corpo e de ampliar a acessibilidade para pessoas com deficiência.

(2:30) Dinalva Andrade (convidada): A minha relação com a Libras é bem antiga. Eu sempre fui, na verdade, uma pessoa muito tímida. Então, eu cresci e quando tinha mais ou menos seis anos, a minha mãe começou a desconfiar que eu podia ter deficiência auditiva porque eu não falava.

(2:55) Dinalva Andrade (convidada): E aí ela começou a pesquisar sobre isso, me levou para fazer várias consultas e acabou descobrindo que eu era tímida e que eu não falava porque todo mundo falava por mim. Para que é que eu ia falar, não é? Economizava e não falava muito.

(3:13) Dinalva Andrade (convidada): Minha mãe me colocou no balé para eu perder a timidez, mas mesmo assim foi, na verdade, me despertando uma rigidez muito grande porque eu queria fazer tudo perfeitamente e acabava ficando mais enrijecida nessa comunicação. E quando eu fiz 13 anos, pedi para os meus pais me colocarem em um curso de teatro.

(3:40) Dinalva Andrade (convidada): E aí eu comecei a fazer o curso de teatro, fui me soltando mais e acabei me apaixonando pela área. Fui fazer a graduação e nunca mais parei de trabalhar com o teatro, mas eu sempre tive dificuldade de falar, então eu gostava de uma atuação mais relacionada ao teatro físico.

(4:10) Dinalva Andrade (convidada): Eu comecei a estudar mímica e depois chegou um momento em que conheci a Língua de Sinais e pensei: “É isso! Posso me comunicar utilizando o meu corpo. Eu não preciso necessariamente falar ou utilizar a minha voz para essa comunicação”.

(4:28) Dinalva Andrade (convidada): Mas isso tudo foi acontecendo com a minha relação com as pessoas com deficiência. Eu tenho um primo que tem baixa visão, então eu comecei a trabalhar com pessoas cegas e a pesquisar audiodescrição para pessoas cegas — muito por essa necessidade dentro da minha família.

(4:48) Dinalva Andrade (convidada): Eu também comecei a trabalhar como professora da rede pública e os alunos com deficiência chegavam, mas eu não sabia o que fazer. Então, comecei a pesquisar sobre acessibilidade pela necessidade de conseguir oferecer uma aula que abrangesse todos os alunos.

(5:16) Dinalva Andrade (convidada): E através desses processos de pesquisa em acessibilidade, comecei a estudar a Libras e me apaixonei também porque essa possibilidade de me comunicar através do corpo me encantou muito e eu fui caminhando para esse trabalho relacionado a Libras — por trabalhar com pessoas com deficiência e pesquisar o assunto.

(5:42) Dinalva Andrade (convidada): O [BH em Libras](#), que hoje é a minha empresa, começou porque eu percebia que os intérpretes estavam indo para os espaços de cultura fazer a tradução e interpretação, mas as pessoas surdas não ficavam sabendo que os eventos eram acessíveis.

(6:02) Dinalva Andrade (convidada): Isso começou a me incomodar muito porque eu via pessoas surdas que desejavam conhecer espetáculos, eventos de música e cinema e não havia acessibilidade. E quando havia a presença desses profissionais, não divulgavam muito ou os surdos acabavam não tendo acesso a essa informação. Então, eu resolvi criar uma página, o BH em Libras, para divulgar tudo de acessibilidade em Libras, em Belo Horizonte, para pessoas surdas. E aí começou com esse projeto e depois eu entendi que tinha necessidade de ampliar isso.

(6:44) Dinalva Andrade (convidada): Eu comecei a oferecer cursos de teatro para pessoas surdas e cursos de teatro para tradutores e intérpretes de Libras também. Depois, isso foi aumentando para cursos de atuação para cinema, cursos de palhaçaria... E através de outras parcerias com diversos espaços, por exemplo, essa página foi crescendo e hoje a gente oferece, além de cursos, o serviço de tradução e interpretação para eventos.

(6:44) Fernando Silva (apresentador): Segundo dados de 2022 da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população com deficiência no Brasil foi estimada em 18,6 milhões de pessoas a partir de dois anos de idade, o que corresponde a 8,9% da população brasileira desse grupo etário.

(7:37) Ana Gonçalves (apresentadora): A pesquisa também apontou que, no terceiro trimestre de 2022, apenas 25,6% das pessoas com deficiência tinham concluído pelo menos o Ensino Médio, enquanto 57,3% das pessoas sem deficiência completaram esse nível de instrução. Os números, portanto, reforçam a relevância da articulação social, especialmente no âmbito da educação, para promover reflexões e ações que garantam os direitos dessa população de forma permanente.

(8:06) Dinalva Andrade (convidada): Foram muitos anos trabalhando como tradutora e intérprete de Libras da rede pública. E, nesse convívio diário, eu percebi que existe uma barreira muito grande relacionada à acessibilidade comunicacional, que representa essa falta da Língua de Sinais na escola. Então, muitas vezes, o contato que a pessoa surda tem com a Libras é apenas por meio do tradutor e intérprete de Libras ou quando há a presença do instrutor, que é um profissional surdo que vai até a escola para fazer esse trabalho diretamente com o aluno surdo.

(8:54) Dinalva Andrade (convidada): Então, muitas vezes, esse aluno surdo só tem referência dessas duas pessoas ou de uma pessoa, dentro de uma escola inteira, que se comunica na língua dele e isso é uma barreira muito grande. As relações de amizade, por exemplo, são dificultadas por isso. Muitas vezes, o convívio da pessoa surda fica limitado a alguns colegas que têm uma empatia e uma sensibilidade maior ou é realmente apenas com os profissionais que trabalham diretamente com ele.

(9:34) Dinalva Andrade (convidada): A acessibilidade atitudinal também é uma barreira. Muitas vezes, os professores não conseguem, por causa do sistema em que eles estão inseridos, adaptar os materiais para pessoas surdas ou criar materiais que possam se relacionar com a pessoa surda. Então, o aluno surdo está dentro da escola inclusiva e há um processo, às vezes relacionado ao instrutor, que é esse profissional surdo, de ensinar a Libras para os colegas — em algumas escolas esse processo se dá de uma forma muito interessante — aprenderem o básico de Libras e conseguirem se comunicar um pouco com as pessoas surdas, mas, muitas vezes, os profissionais da educação que estão ali dentro daquele contexto escolar não dão conta da adaptação dos materiais e do ensino diferenciado que é necessário.

(10:47) Dinalva Andrade (convidada): Então, quando a gente pensa que a pessoa surda tem uma outra língua, ela também vai ter uma forma de percepção do mundo diferenciada. E essa percepção precisa ser levada em conta. Quando um professor de história, por exemplo, chega na sala de aula e ministra a aula toda simplesmente baseada na fala, e não com relação a imagens, por exemplo, fica muito difícil para a pessoa surda entender e relacionar todos esses conceitos que são explicados. E isso se aplica em tudo, como a geografia também, que é uma disciplina muito visual.

(11:33) Dinalva Andrade (convidada): Então, se o professor não consegue disponibilizar esses materiais visuais durante a sua explicação fica difícil para a pessoa surda compreender os conceitos. É necessário um pensamento diferenciado quando você recebe uma pessoa surda dentro da sala de aula. Os professores e a comunidade escolar precisam se adaptar, pensando nessa relação da Língua de Sinais, para que a pessoa surda realmente consiga fazer as atividades como qualquer outro aluno daquela sala.

(12:21) Dinalva Andrade (convidada): Muitos profissionais da educação também vêm de uma aprendizagem e de uma tradição de educação, em que não havia esse convívio com pessoas com deficiência. Então, eles também não sabem como se relacionar e como adaptar esses materiais... Ainda é uma barreira, mas eu acredito que, com jovens se formando hoje e novos concursos se abrindo para profissionais da educação, essas novas pessoas que têm entrado nas escolas vão puxar esse novo rumo com uma maior sensibilidade para a adaptação de conteúdos e a criação de materiais para pessoas surdas e pessoas com deficiência.

(13:16) Dinalva Andrade (convidada): Hoje as disciplinas de Acessibilidade e de Libras estão incluídas dentro dos cursos relacionados à educação, licenciatura, pedagogia, fonoaudiologia... Então, eu acredito na maior sensibilização dessa nova geração de profissionais da educação. Mas, neste momento, a gente ainda enfrenta muitas barreiras com relação à inclusão e acessibilidade nas escolas.

(13:49) Fernando Silva (apresentador): Em relação à atuação no mercado de trabalho, a Pnad Contínua 2022 indica que a taxa de participação na força de trabalho das pessoas sem deficiência foi de 66,4%, enquanto entre as pessoas com deficiência foi de apenas 29,2%. Os números são díspares mesmo entre os indivíduos com nível superior: registrando uma taxa de participação de 54,7% para pessoas com deficiência e de 84,2% para as sem deficiência.

(14:16) Dinalva Andrade (convidada): O mundo profissional estava, até pouco tempo, extremamente fechado para pessoas com deficiência e pessoas surdas. Essas pessoas estavam excluídas desse mercado e recentemente as empresas, dependendo da quantidade de funcionários, têm um número de pessoas com deficiência a contratar. Infelizmente ainda têm muitas empresas que entram em contato com terceirizados e falam: "Olha, eu preciso de pessoas com deficiência, mas eu quero uma pessoa com deficiência mais leve". Isso infelizmente acontece.

(15:06) Dinalva Andrade (convidada): Mas há essa necessidade e essa movimentação de mudança desse contexto. Para que as empresas realmente recebam pessoas diversas e adaptem esses espaços, tornando-os inclusivos. Mas, através dessa obrigatoriedade, eu vejo que há uma mudança grande. Por exemplo, há uns anos atrás, quando chegava uma pessoa surda em uma empresa, muitas vezes, todo mundo falava: "Nossa, eu não sei comunicar com ela. Eu não sei a Língua de Sinais" e ficava por isso mesmo ou todo mundo se comunicava através da escrita. Já hoje, eu percebo uma movimentação das pessoas: "Ah, chegou uma pessoa surda para trabalhar comigo. Vou procurar um curso de Libras". E muitas dessas empresas também têm procurado o BH em Libras para fazer a formação dos funcionários e para que todos saibam o básico de Libras para se comunicar com aquela pessoa surda.

(16:26) Dinalva Andrade (convidada): E esse movimento da empresa é mais interessante ainda, não é? Oferecer para os funcionários a possibilidade de aprender a Língua de Sinais para interagir com esses colegas. Então, eu percebo que há uma mudança lenta, mas a gente tem conseguido quebrar essas barreiras.

(16:49) Dinalva Andrade (convidada): E falando de arte para pessoas surdas, têm se aberto muitas possibilidades porque hoje as Leis de Incentivo à Cultura também verificam se a equipe profissional dos projetos de cultura inclui pessoas diversas. Então, os grupos teatrais têm procurado pessoas surdas e pessoas com deficiência para participar desses projetos culturais também. Isso é muito importante.

(17:23) Dinalva Andrade (convidada): Quando eu comecei a trabalhar com acessibilidade no teatro, eu ficava observando que tinha uma rampa de acesso para a entrada da plateia no espaço teatral, mas não tinha uma rampa de acesso para a subida dessa pessoa com deficiência no palco. E isso me fazia refletir como a pessoa com deficiência pode estar no público, mas não pode se apresentar. Essa barreira era absurda para mim e hoje eu percebo que há essa mudança de perspectiva também.

(18:04) Dinalva Andrade (convidada): Os espaços que não têm essa rampa de acesso para o palco já estão sendo questionados e estão refletindo sobre como colocá-la para a pessoa cadeirante, por exemplo, subir até o palco. E eu ficava pensando que eu ofereço cursos de formação de atores surdos, mas essas pessoas surdas não estão nos palcos também. Mas, hoje, nós temos pessoas surdas ocupando muitos espaços e temos alguns grupos de teatro sendo criados com pessoas surdas. A arte e o mercado de trabalho, de uma forma mais geral, têm se aberto mais a receber essas pessoas com deficiência e pessoas surdas nas suas empresas e em eventos.

(19:08) Ana Gonçalves (apresentadora): Abordando uma perspectiva de futuro, Dinalva afirma que as pessoas surdas têm buscado a seguridade de seus direitos por uma educação bilíngue efetiva nas escolas.

(19:18) Dinalva Andrade (convidada): Hoje nós temos a educação inclusiva, que é um processo ainda complicado devido às barreiras, tanto na comunicação quanto na adaptação dos conteúdos escolares e que, muitas vezes, causam a defasagem de aprendizado da pessoa surda dentro da escola. Então, a partir da LDB, a Lei 14.191, de 2021, insere o ensino bilíngue para as pessoas surdas nas escolas e esse ensino bilíngue propõe que a Libras seja a primeira língua da pessoa surda e o português escrito, a segunda língua.

(20:14) Dinalva Andrade (convidada): A proposta é que possam existir escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos com educação bilíngue para pessoas surdas, surdo-cegas, pessoas com deficiência auditiva que usam a Língua de Sinais, surdos com altas habilidades e superdotação, pessoas com deficiências associadas ou que desejam estudar por meio de uma educação bilíngue, com a Língua de Sinais.

(20:57) Dinalva Andrade (convidada): Então, a proposta é que realmente seja como a gente conhece hoje as escolas bilíngues de inglês: com professores que têm uma metodologia específica de ensino, que começa desde lá da educação infantil e se estende por toda a vida da pessoa surda. E isso tudo com financiamento da União, de materiais didáticos e professores bilíngues, que conhecem a Língua de Sinais e a realidade da pessoa surda — com formação e especialização adequadas, no ensino básico e no ensino superior.

(21:50) Dinalva Andrade (convidada): Essas escolas também buscam a recuperação das memórias históricas e a reafirmação das identidades e das especificidades da língua e da cultura surda. O que ainda não acontece de forma efetiva porque hoje, como a educação é inclusiva, as pessoas surdas estão inseridas dentro desse contexto, mas os professores não conhecem o que é a comunidade ou a identidade surda.

(22:21) Dinalva Andrade (convidada): Então, muitas vezes, as pessoas surdas não têm uma relação forte, por exemplo, com a importância da identidade, a luta pela utilização da Língua de Sinais, a relação que a comunidade surda estabelece com memórias e personalidades importantes. E isso tudo passa a ser mais valorizado quando se tem uma educação diferenciada e com materiais de qualidade sendo direcionados para pessoas surdas.

(23:06) Dinalva Andrade (convidada): O objetivo é que essa educação bilíngue venha o mais rápido possível e que ela possa ser verdadeiramente inclusiva. Então, pessoas que são ouvintes, mas que querem estudar com a Língua de Sinais incluída, também podem estar dentro dessa educação bilíngue. Espero que em breve essas escolas e classes bilíngues possam começar a funcionar realmente, principalmente aqui em Minas [*Gerais*] e em Belo Horizonte.

(23:55) TRILHA SONORA (INSTRUMENTAL)

(24:01) Fernando Silva (apresentador): Para finalizar esse papo tão importante, nossa convidada apresenta sugestões aos educadores, pais e alunos para a promoção da inclusão dos surdos nas escolas.

(24:12) Dinalva Andrade (convidada): Que as pessoas procurem aprender um pouco da Língua de Sinais para se comunicarem com as pessoas surdas e que elas também possam entender um pouco da história dos surdos, desse contexto da comunidade surda e da identidade das pessoas surdas para realmente incentivar a inclusão dentro das escolas por meio da comunicação, com a Língua de Sinais. E também promovendo essa inclusão por meio da criação de materiais que sejam acessíveis a todas as pessoas da turma. E que cada vez mais os pais, alunos e educadores se sintam realmente incentivados a aprender um pouco desse contexto dos surdos para fomentar a inclusão nas escolas.

(25:15) Dinalva Andrade (convidada): Sigam o [Instagram do BH em Libras](#). Por lá, eu posto vídeos ensinando um pouco de Libras, além de ofertas de cursos e oficinas em diversas áreas e eventos acessíveis também. Então, é um lugar bacana para ficar sabendo dessas informações sobre acessibilidade em Libras. Muito obrigada!

(25:51) Maria Eduarda Abreu (narração complementar): Estabelecidos pela Organização das Nações Unidas, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS, visam um compromisso social, natural e econômico com o futuro na agenda 2030. Temáticas relacionadas ao melhor aproveitamento de pessoas surdas enquanto estudantes se vinculam ao ODS 4, Educação de Qualidade, que visa garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional.

(26:17) Fernando Silva (apresentador): A primeira temporada do Papo em Pauta chega ao fim. Não deixe de conferir todos os episódios disponíveis no feed do Pílulas do Conhecimento e acompanhe o Espaço em todas as redes sociais ([@espacoufmq](#)).

(26:17) Fernando Silva e Ana Gonçalves (apresentadores): Até a próxima temporada!

(26:32) Ana Gonçalves (apresentadora): Este episódio foi escrito e apresentado por Ana Gonçalves e Fernando Silva. Os trabalhos de áudio foram feitos por Sarah Lima e Fernando Silva. Vinheta: Gabriel Barcelos e narrações complementares: Maria Eduarda Abreu.